

# Amarelos

PAULO PASSOS



# Amarelos





**Paulo Passos**

# **Amarelos**



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

Paulo Passos

**Amarelos.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 98p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-5869-609-4 [Impresso]**

**978-85-7993-976-1 [Digital]**

1. Paulo Passos. 2. Estrada amarela. 3. Poemas e poesias. 4. Poeta brasileiro. I. Título.

CDD – 800

---

**Capa:** Petricor Design

**Criação da capa:** Ana Carolina Lopes Costa e Vinicius Dallazem

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Revisores:** Ana Carolina Lopes Costa, Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes e Rosana Nunes Alencar

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Em memória de Joana Carneiro dos Santos,  
mãe do meu amigo de infância.

Para A., R., A.  
Para C., A., C., E.  
Para L., A., L., A.  
Para J., J.

Ao dizer do moço-deus: as palavras saltam  
quadradas de sua língua.

Para Pedro, o nome de dentro, o menino  
dos meus versos.  
À parede amarela do GEPCEC.

*Eu fiz um livro, mas oh, Deus, não perdi a poesia.*

*Adélia Prado*

## Sumário

<b>Prefácio</b>	<b>9</b>
<b>Na sala amarela, uns Passos...</b> Ana Carolina Lopes Costa	
<b>Confissões ao leitor</b>	<b>11</b>
<b>Compilações para uma cor</b>	<b>17</b>
<b>Pátio e lama. Poeira e trigo</b>	<b>19</b>
<b>Exercícios em tratamento</b>	<b>53</b>
<b>Ritualística</b>	<b>93</b>
<b>Posfácio</b>	<b>95</b>
<b>O poeta-menino</b> Rosana Nunes Alencar	



## Prefácio

### Na estrada amarela, uns Passos...

Ana Carolina Lopes Costa

Barthes (2013, p.8) afirma, em *O prazer do Texto*, que “o sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens, que trabalham lado a lado”. O trecho reafirma para mim a grandeza da poesia no seu poder de recuperação, da memória que pulsa alguém querido. O leitor, por certo, compreenderá o que digo, percebendo, entre as camadas que abrigam ecos de um Simbolismo e do Modernismo da concisão, a fragmentação do verbo com a consciência poética do pincel. Falo de poesia de imagens, apuro em desenhar, recortar e costurar com linha fina a informação do poema, logrando êxitos como: “Refratam no lago as lascas de sol do barrado” e “Na estrada magra, um redemoinho ameaçava – vaca brava – despentear as árvores de pasto.”

Os passos destes verbos vão sendo expostos a partir das vozes que comungam com o Paulo, como no poema “Compilações para uma cor”. Eu consigo ver, transfigurado na linguagem enxuta dos poemas, o Paulo Passos econômico: alguém de poucas palavras, portador de roupas sem estampas ou cores fortes, um moço novo de costumes de gente mais velha: o Paulo do relógio de bolso. A turba não o interessava, porque era da serenidade, sua

expansão dava-se na palavra: “Eu amarelo pela janela no fundo do universo.” E seguia sempre no mesmo tom de voz, pontiagudo e certo nas colaborações que fazia ao ler algum texto nas minhas aulas.

A poesia de Paulo mostra potência também no trabalho com a gama fônica, aproximando-se da música: “Quero mesmo enlitrar litráceas,/ engarrafar em vidro geometria da madrugada./Quina além da esquina estraga a surpresa”. Costuradas entre metáforas, também vão as metonímias, doando sentido às tramas, em processos de descosturar, para atar algumas pontas entre as palavras, instaurando, pelo fragmento, a linguagem completa.

João Alexandre Barbosa (1979, p. 11) em “Um cosmonauta do significante: navegar é preciso” afirma para o poema moderno “dois níveis de leitura”, num deles, o poeta busca a “nomeação da realidade em seus limites de intangibilidade, operando por refrações múltiplas de significado”. Quase captamos a precisão da linguagem do livro, e muito está neste “quase”. Além da premissa dos vazios perenes do texto – coisa amplamente estudada no mundo da Literatura, tem-se o aporte do intangível, explicado pelo verbo fracionado e pelos ocos que ficaram do poeta que se foi: “Palavra dobradiça deriva da dobra de mim”. Pelas frestas é que vemos o sedimento, e para mim, Ana Carolina Lopes, vejo o Paulo Passos de um amarelo longo, como quem “espalha pó de serra no pátio”, crendo no mistério da língua sem sossego. Paulo e seu relógio, sentados na cadeira do tempo.

## Confissões ao leitor

*Para S.*

- Apresento-lhes os cascamentos e as cacoturas dos meus vinte anos de vida. Vida gorda de sentimentos. Sou eu, meu verso e o mundo. Meu nome completo é um verso: Paulo Sergio dos Passos Silva. O menino guarda chás numa caixa de sapatos. Essas são ressalvas de versos.

- Naquele barrado um pato de mato põe refis de noite. Latidos de cachorros estrepitaram no lago de Colorado, como em uma canção pinkfloydiana. Barrado na paisagem com língua de fogo.

- Pedro, aqui não acabou.

- Nenhum latido neste instante que me corta feito fio de lata. Refratam no lago as lascas de sol do barrado. Fecho as janelas da casa em face dos pernilongos; abro as janelas da alma para receber o cantochão, vem das quinas do terreiro. Vem ligeiro acumular nas dobras da minha orelha.

- Soube relatos de Pedro. Entrou de camisa verde qual vaca em porteira: arrastou os pés a formar semirretas, apontando para o rio. Pés, patas: pegadas. Seus traços cuspiram poeira de esterco na manhã de vinte e três de setembro. Na estrada magra, um

redemoinho ameaçava – vaca brava – despentear as árvores de pasto.

- Arrestei um lápis pela lava da palavra. Faíscas de fé em São Pedro garantem a esperança dos meus dias. Vi um menino franzino na beira do caminho estralar os dedos como quem chama cachorros. Neste lago quero morrer de congestão.

- Do lado das pedras a formarem ocados, Pedro desenha na areia com lascas de palmeira. Na beira do riacho resmunga baixo um canto largo de constância. Levantou; o vento fazia pelotas em suas mãos encaramujadas. Volto vivo e uma lua lisa, como quem pia, cisca o fundo das matas. Pudesse ser assassinado!

- Naquele barrado azulado, nuvens em dobras. Entre o passo e o galope, o pó e a pólvora, o povo e o poeta. Minha seita rejeita os versos livres de sons. Nada sou além de um poeta brasileiro contemporâneo. Tenho licença do Ministério da Língua Desassossegada. Poesia é a manifestação estética de um ser. O modo genuíno e original com o qual as coisas se comunicam. Estive perto da neve na praia de Pimenteiras.

- Sequestrei o balançar de uma folha. Enrolo frangos em folhas de versos avulsos para simular um papel alumínio. Histórias de carnificinas vêm acolchoar o corpo da minha língua. Recrio-as com meus globos lameados. Estralo meus dedos na pele das árvores e a vida faz mais sentido. Eu vi cordões d'água serpentearem entre os girassóis no pasto. Garanto uma pena às gerações.

- Bordado de árvores no horizonte. Costuro as brechas das frestas de lua com linha branca. Flechas de

rendas de luz. A lua balança o pátio, a lama dança na festa de luz. Uma rã sobre a romã negada pelo pé. Na memória do lago uns restantes de lua, uns cacos de lua. Lua assada. A lua crua é nua de luz. Frasco de lua, tasco de lua.

- Nasceu no meu terreiro um pé de urucum. Os elementos do pátio estão refletidos no lago. Abro o lago em um quadro. Pintei um moço de perfil. Caía uma flor desde o chapéu até o chão. O caule cobrava na terra arada a arrancar pétalas. De um lado, montanhas com corcovas altas. Atrás, um rio calmo e rios de águas lamacentas de margens inabitáveis e curtas. Do outro lado um gato de pernas deselegantes e quantidade exagerada de pelos. O moço caminhou nas montanhas, lavou-se nalgum rio, acariciou o gato, arrastou a flor ao túmulo.

- Amo sem comparação, sem medida de balança. Viver é cavoucar trincheiras. Entre jardins embasbacados, feridas enferrujadas, momentos redondos do ser e artefatos arranjados em lojinhas de construção. O gato combina com meu vasilhinho chinês? Esses dias uma linha em um vaso fingiu rachadura. Eu não canto de manhã, um homem preciso de segredos. Bato palmas e meus anéis produzem o som de que necessitam os homens. Ba(da)ladas.

- Meu objeto de vida é assustar os milímetros que separam os peitos em um abraço. No meu dedo, a pedra do anel aponta para o lado direito, porque não tem coragem de sê-lo. Descolo meus sapatos quando tropeço nos rabiscos de um compositor. Dizer Beethoven amarrota minha face, porque o considero terrível. Bom, nada tenho além de gatos e desejos de vitrolas. Minhas

ideologias são descoladas deste tempo maciço que botaram na minha janela amarela.

- *Anedota do conde*

- *Desce, velho conde. Com qual objetivo se embrenhou no meio das folhas na copa da árvore?*

*O conde não seguiu diálogo. Soltou apenas um sopro cheio de significâncias que adiantou o caimento de uma folha amarelada. A folha, cujo corpo fora dobrado por vários ventos, deitou-se sobre o chapéu daquele que insistindo gritava:*

- *Desce, conde velho. Cairá por entre estes galhos, esborrachar-se-á na terra socada.*

*O conde continuava a olhar adiante, vendo a ausência de cores nos entremeios do nada. Ninguém poderia mencionar o que passava na frente de seus olhos nus do mundo. Abanou rígido os braços, fazendo um pássaro voar afoito, desengonçado: voo deselegante.*

- *Desce, vivo conde. Venha com o chão. Firme seus passos, deixe esta condição de isolamento que se encontra. Conde, desce.*

*Todas as folhas caíram, só o velho conde habitava aquela árvore. Caiu. Caiu de podre, infeliz. Ao bater no chão, as folhas subiram e desceram e cobriram seu corpo.*

- *Desovo meus amores em trincheiras. Vi um gocepha no trigo. No meu folclore coexistem o moço-deus com diaburas e deusuras menores. De olhos castanhos, aspecto magricelo, camiseta amarela. Seus olhos não são pátios com lodo. O moço-deus disse que as palavras saltam quadradas de minha língua; os forasteiros no pátio estão pálidos. Três quartinhas de amor-perfeito retiram ressentimentos.*

- Mostras de monstros, metros de monstros, mixórdias de monstros. Bati a máscara na pedra até formar uma face. Venho rir riso raso e rígido regido por restos de regras, restos mortais familiares. Mão estendida também cepa rosa. O ódio, por hora, colabora com o roer natural. Da arma de papelão do soldado cai açúcar.

- Malas com monstros, morcelas de medos. Pedro martela a teia na telha de madeira. Faíscas de brasas maciças e molengas de brisas adornam as treliças no pátio barato. Ato de atear. Chamuscas enegrecem as camurças das cortinas. Dobro as paisagens das telas em magricelas parcelas. Parceiras das camadas de poeiras: pólvoras da terra.

- No vão do caixão, no oco, repousa um velho rouco. Cerâmica pulou da parede e cepou a cabeça do homem. Nas palavras cumpridas armei redes. Touceiras de palavras, pedaços de pegadas, extratos de texturas. O menino quando vê um buraco entra nele. Um dia fez um buraco de bala na bochecha. Esburacou-se. As ondas coçam os quadris dos barcos. Nas linhas da mão também ocorrem o horizonte. Luite.

- Pedro pelas ruas de Colorado. Pedro pelado de medo. Pedro pichou a parede com faces de São Pedro. A faca de fio fino não é fraca. Pedro apertou a palavra até formar uma cor. Disse uma ladainha de rimas distante de santos. Matador de gramática, bateu a bigorna no termo, queimou o terno do velho, abriu cavoucos na grama. Pedro plantou, paralelo ao rio, sete pés de amor-perfeito.

- O goleiro agarra a bola após o drible. Uma vespa pousa na gola, caminha por sua goela. Um gole de cuspe. O goleiro amarra a bola com seus dedos. Um torcedor a

causar diatribe. Se o amor morre em mim saberá que nunca existi.

- Dança com lança. Alma de madeira. Lixei a palavra. A lua é uma lasca de porteira. Toda noite sonho três vezes com a face oculta do satélite. O luar do sertão não tem graça pela poça da praça. O luar do sertão é o chão do sertanejo. Enjulei o jasmim no jarro: um jorro de paz. Repito minhas expressões para não desperdiçar nenhuma possibilidade. Na palma da palavra um pássaro.

- Preparo-me para receber o outro. Abraço é abreviação de vida. Sinto cheiro de Deus. Fotografei uns quadros. Do ateliê de Monet sequestro a espessura dos pingos. Beethoven dita o caos de que necessitam os homens.

- Ainda existe orelhão? Pergunto-me se o verso que registro hoje é o verso esquecido há sete dias, embasbacado de mim e manso. O que sou, soube do verso. Pus no meu quarto um quadro que contém as essências do trigo, poeira. Porque o amarelo está entre nós. Murro urra no muro, eu não morro de jeito nenhum. Dedico este livro em memória de Joana Carneiro dos Santos, essa que espiou toda minha infância por um buraco na porta.

## Compilações para uma cor

Vibrações do sol no pó da estrada.

Caetano Veloso

Havia inúmeros caminhos nas proximidades, mas ela não demorou muito para encontrar a estrada calçada com tijolos amarelos.

L. Frank Baum, em *O Mágico de Oz*

Volto empoeirada de vestígios, arvoredos de ouro.

Hilda Hilst

A sombra máxima  
pode vir da luz mínima.

Paulo Leminski

E no corpo da tarde se fez uma ferida.

Hilda Hilst

Ao meio-dia as abelhas, o doce ferrão e o mel.

Adélia Prado

O sol que veste [...] o verde de poeira.

Secos e Molhados

Cambia el sol em su carrera  
Cuando la noche subxiste.

Canção de Julio Numhauser,  
interpretada por Mercedes Sosa

Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite  
revela conhecimento a outra noite.

Salmos 19:02

E nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira  
entre os girassóis.

Caetano Veloso

O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu  
amarei o barulho do vento no trigo...

Antoine de Saint-Exupéry, em *O pequeno príncipe*

Mandei cair de amarelo.

Chico Buarque

**Pátio e lama. Poeira e trigo.**



Desabotoo verbo:  
lá frita na lava tiras de  
matos secos na chuva.

Homem pula entre fendas da mão:  
fiapos suscetíveis ao horizonte.

Sol empoeira as paisagens.  
Empoleiram ritos nos meus versos,  
pedaços de fotos de uma colônia.

Adão deitado na grama grafitou  
janela no horizonte:  
olho de Deus vê águas poluídas.

Poça pisada pelo menino  
sorveu estrelas com língua de mar.

Credito à raça meu pátio e meu trigo.  
Caí no longo fogo cotidiano das matas.  
Invento na distração do sentinela.  
Minha doença é a chuva no vidro.  
Poça é a vitória dos pingos,  
meu pátio é a vitória da lama.

Pingos de noite adormecem flor do rio.  
Menino chegou e salvou sombra da fresta de sol.

Filho do homem pula da água.  
Menino mastiga cacos do cordeiro.  
Manivela impulsiona rotação dos seres.

Humanidade tem cruzite:  
madeira vai rio.

No caminho de São Pedro  
mordo letra nina árvores do Parque de Exposições.

No caminho de São Pedro  
raspo lasca de frase, touceira de estalo.  
Se tribo grita na gruta cativa tigre.

Perna-de-pau quebra chão-de-vidro.  
(Entre sobranceiras de Pedro armo rede;  
cupinzeiro moderniza arquitetura do galho).

Com alicate amasso palavra.  
Com serrote alargo poros.  
Com pá desato ossaturas.

Homem que pula da ponte no vídeo  
sabe do susto do vidro da água?

Dobra de Deus feita de barro fugidio  
desarruma rua.  
Campo de refúgio dos farrapos da língua.  
Tudo que sou, soube do verso.

Sacrifico-me a Deus porque não tenho ovelhas.  
Adão imundo afundou na areia movediça.

No princípio, quando policarpiava na rua Tapuias,  
paulo sergio dos passos silva, nº 2521,  
moinho de cascalho, vinicius de Moraes,  
Adão e Eva escorriam entre pilastras  
nomeei os seres antes do suicídio.

Quero mesmo enlitrar litráceas,  
engarrafar em vidro geometria da madrugada.  
Quina além da esquina estraga a surpresa.

Seu Antenor Nestor, por certo, traço atrocidade no  
átrio da cidade.

O amarelo no pátio é meu alvo.  
Meu verso é um atributo de mim.

Um dia me deu uma saudade de mata que faleci minha face em foto. Então me disseram que sou vivo. Acredito e se soubesse ontem nem teria morrido, até porque estar falecido é saudade viva e isso de vida é saudade amorfa. Bobagem, nem tenho saber desse de árvore, voz de pedra chutada. Aquele canto lá depois, na cabeceira; eu demandei. Amanhã é tempo de mina aí vai vir aqui um espaçar de poça. Isso de picotar o futuro admiro da grade. Semana que vem ou na outra vou mesmo enlitrar um poente. Aí antes no dia seguinte do que nunca estoura sufoca tudo em uma gente.

O suicida entalha trincos na vida.  
Trincos lembram pele dos troncos.  
Folhas lambem fetos e feitos.

Trincos comem pele dos troncos.  
Eu amarelo pela janela no fundo do universo.

*Para C.*

Cão de Júdice bate à porta:  
lata da porta late sonata de Beethoven.  
Amanhã estarei cheio de ausências.  
Flor é abreviação de jardim.  
Um tambor também tem sentimento.  
Entre dezoito e vinte, das quatro estações, há toca  
durma ao derredor com es  
taca.

Meu pai conduzia a moto vagorosamente.  
O mundo precisa mesmo acabar?  
Tenho inveja da terra com tatu  
porque não temo ser peneira.  
Se o *vai lá, menino de mato* propagar armadilha,  
se o vento tremular meu corpo e enganar a ótica.  
A mão do meu pai sobre a coxa conduzia as  
paisagens.

Descortinei Deus.

Fico em pé diante do verso.  
Arregaço as mangas do suicídio.  
Mata exala farelo das cascas da flora.  
Chamo-me Bill, Roy, Martín.  
Se a porta é boa chave não some.  
Galho vem do alto infla-encolhe  
(balanço nos cipós;  
amarroto minha saia)  
escolhe se espetar em um espinho.

*Para A.*

Amigo,  
precipita o chá.  
Refrata o amarelo na borda da xícara.  
Extraio enxurrada da gota trêmula.  
Noite dobrada de manhã se revelou nas gretas da  
mata.  
Deus arrastou cadeiras, amarrotou folhas celestes.  
Abraço o parafuso negado pelo imã.  
Ventos passam entre letras e caem blocos.

Nas mãos queixas de uma gueixa transcrevo  
cantatas de Bach.

Arranquei as árvores do Parque de Exposições.  
Fico de pé na América  
minha palavra petrifica o vento.

O suicida trinca a vida.  
Pedro retirou tudo dito este ano.  
Uma formiga caminha na pele das árvores.

Setembro imenso vai boiar de manhã.  
Pedro parou de rir quando teve noção da vida.  
Agrada-me formato da mata no mapa.  
Projeto nos troncos meus nomes de Bill, Roy,  
Martín.  
Tenho ciúmes da palavra no jornal.  
Vem da lama seca a poeira do meu trigo.

Ordenhei voz das pedras chutadas.  
Pôr poente em pote invertebra um homem.  
Cordões d'água serpentinam.  
Feixes de flechas, indivíduo de vídeo, duplo de  
Deus,  
cor de poeira, cor de trigo.

Pedro: continuação de alguma trilha de mata.  
No Pedro mofou migalhas de medo.

*Para D.*

Beijo de cachecol.  
Preciso ir rua afora vai,  
asfalto, faz cócegas na montanha,  
calafrios na carne da via.

Hora da flora da aurora (sa) borear-me.  
Saber de girassol reorganiza planetas por cores.  
Sou pétala amarela e musas alinhavam  
malabarismos com fiapos de pedras.

Acabe, mundo.

Por que toca meu osso?

Quero transcrever seus gestos reais, nem tem  
sangue nobre.

Não, Pedro, sou amigo, quer tenha pejo, venha  
ciclo.

Não pode passar despercebido, pergunte à quina o  
que sabe do canto.

Quina além esquina estraga surpresa.

Pão adormecido vibra sob o domínio do mofo.

Noite espia trêmula o homem pelas dobradiças da  
tarde.

Por exemplo, Pedro, abra janela em mim e verá  
atrás do horizonte.

Vi um menino manchado de dor que desloca o céu  
quando caminha.

Bordo textura do silêncio com cascas de tintas de  
vitrais.

Passo apertado na goteira do mundo para eclodir  
no sonho de um menino.

A sombra é a vingança da noite.  
A sombra é metáfora da noite.  
A sombra sonha em ser noite.  
A sombra de um menino humilha a noite.  
As sombras (poças de noite) rebocam a noite no  
primeiro vacilo do sol.

Cacos de espanto.  
Tiras de espanto.  
Espumas de espanto.

Arranhei árvores do Parque de Exposições.  
Minha palavra apodrece o medo.

Combino na parede fresca tiras de lona de circo  
com cascas de vespas e traças e eu amarelo.  
Palavra dobradiça deriva da dobra de mim.

Observo palavras de jornal  
tenho minhas escolhidas.

Meu pai na dobradura do morro,  
pele do meu tio sob sol de Colorado.  
Deus inventou o homem após achar um origami  
de si.  
Meu tio agora é uma dobra do morro.

Narciso vê no barro a face de Deus.  
Posso distinguir seu sorriso na barranceira.  
A minhoca é o bueiro da terra.  
Ondas coçam quadris dos barcos,  
árvores caçoam dos muros apáticos.

No pátio também se ouve poemas de Hilst.  
Bailei no terreiro de nós, não temo olhar alheio.

Poeira acaricia o trigo sem joio.  
Uma língua de lama umedece o pátio.  
Ensaio calafrios que terei na hora da morte.  
Assemelho-me muitíssimo com imagem na poça  
de lama (olho da terra).  
Pecos Bill emprestou lobos para as saudades de  
Cesária Évora.  
Reescrevi roteiros que peguei do lixo.

Vem da poeira molhada a lama do meu pátio.  
Meu verso tem indícios da face de Deus.  
Palavra vertebrada entupiu bueiro.  
Criei uma coreografia à imagem da chuva no trigo.  
Uma vez alcancei notas de Mercedes Sosa.

Pela rachadura no verbo reproduzo olhos de Deus  
com papel-carbono.

Tempestades se arrumam nos muros, vêm dos  
muros virgens.

Convém à lama se alojar no pátio.

Aperfeiçoo desenhos do menino.

Colo na lama do pátio tiras de rios, fiapos de  
trigos,

antenas de insetos, cascas de frases, raízes de  
ossos,

fiapos de folhas, lascas de ventos,

trechos de rachaduras, ramagens de estalos.

O que você vê além de machados?  
O amor diminui peso das atrocidades do homem,  
a bandeja de mesa se queixou da xícara.

Qualquer hora do dia durmo, amanheço melhor.  
Reboquei curva de migração passarinha por vento  
falhada.

Corro nu de mim pelo meu trigo.  
Recrio o homem à imagem das matas.

Sua flor arrebenta costuras do meu verbo.  
Solaril, solarante, trigâncias, paciências.  
A palavra indisposta a morder o pé do trigo.  
Fiz um arco de paus d'arcos para José Amaro.  
Ouço um cão fora do tom entre cães de Nuno  
Júdice.  
Nada sei sobre o viajante no pátio.  
Vejo o girassol no campo de trigo, diplomata entre  
a pétala caída e o sol.  
Na mão do menino se esvai o último latido dos  
cães de Nuno Júdice.  
Entre zumbis, manequins sem braços, de noite no  
campo de trigo.  
Espalho pó de serra no pátio.

Seus olhos são os pátios lamacentos.  
Seus farelos preenchem linhas da mão do menino  
antes de se misturarem à terra.  
A lama se convulsiona no pátio.  
A lama ameniza a aspereza do pátio.  
Seus olhos potencializam a lama.  
A lama potencializa seus olhos.  
Vem do olho a lama do pátio.



## **Exercícios em tratamento**



Meu pai junta sobraduras e tiras de madeira;  
Minha mãe, nacos de panos de cores fortes;  
Eu creio no mistério da língua desassossegada.

Batatinhas.  
Afagos de gato  
despenam  
a tarde porcelana de nós.  
Ruo.  
Reoriento justificativas da memória de um galho  
em estalos decrépitos.  
Meu folclore de lata: ferrolho de prata do  
olho de folha de rua ao vento.

Ventos vestem asfaltos de folhas.  
Pássaros exorcizam silvos de rua  
nas poças de lama (olho da terra).

O estalar de costas na madrugada  
repetem a prataria suja na pia.  
Bocejo e gatos de rua entram no cio.  
Escondo-me nas paredes: tinta pulsa à revelia.  
Escombros de cães desordenados,  
farelos de falácias falangem.

Sentemo-nos  
no tapete  
bordado de borboletas.  
Meio-silêncios autodestrutivos.

Operação: serenizar óperas obsoletas.  
(Re) colho cápsulas de canções de Bach  
na ressaca de rua sem pingo de chuva.

Nobre desafolho  
pregueei um luzeiro verde-limão.

Pela luzerna da cozinha induzo luazinha  
cascas de cacau, embrulhos de bombom  
lua-harpa, lua-flauta, lua-bamba

farta de lendas, tumba de pirilampos.

Estrelas são as quinas da lua.  
Imbico ordeiramente a espada da rima,  
bêbado de signo.

Sol a fórceps, entre os lábios da montanha.  
Cachos de sol e fiapos de fezes de estrelas  
ornam a noite de todos os amores.

Mistério gordo das matas.  
Estalar de um pescoço reorienta  
mecanicidade dos pássaros.

Detectei entre costelas da palavra fruta um pomar,  
no rolar da laranja uma saudade de pomar,  
fruta é abreviação de pomar.

Flor é fronteira entre terra/céu:  
essa baba de Gogh, esse mirtilo espantado.  
Um naco de hora decora e entreabre a noite:  
densa demais para ser verdade,  
oca demais para conter estrelas.

Entalho nos caules o sistema solar:  
sem anéis, sem precisão de traços.  
Acrescento planetas no meu planetário de menino  
ziraldiado:  
mais barrigudos, barbeados de trigo, barreados  
como terreiro de avó.

No pó  
(poeira cansada de pássaro; poeira emburrada,  
desmaiou; poeira com ressaca de grade)  
da prisão uma saudade de pedra.

Entre dentes tortos alinhavo a poesia  
de que necessitam os homens.

Chanto  
semi-sóis  
na lua boa.

Latas (facas aos pés de moleques),  
diplomatas dos luminares,  
chuto-as além da face da folha.

Marcheto retrovisores enlameados:  
passe livre à fazenda de mim.

Se Deus compraz, poemo.  
Deixo Deus sendo Deus.  
Com cascamentos e cacoturas  
procuro redemoinhos e, agora,  
ocupo constantemente outros lugares.

O sou do sol.  
O som do sou.  
O sol do sou.

Anjos laranjas cessam guerras,  
cacheiam cabelos de moças,  
coçam barrigas de gatos.

Dê de amor ao poeta maltrapilho.

Naquela casa, construída por meu pai,  
espiou, pelo buraco na porta,  
com a mão na boca, minha infância.

Espanta-se a madrugada se  
sol vem com machado de fogo  
e disseca a matéria do tempo.

Lascas solares, ventre do vento.

Lua mansa murcha  
para dar vazão ao dia.

Raio parte tronco:  
pássaro de voo afoito, desengonçado, automóvel  
saúda folhas recém caídas, salva horas  
de qualquer silêncio absurdo.

Pedaços de girassóis, girassóis na enxurrada.  
Quero a dança das casas no terremoto.

Vilhena perdeu suas cores.  
Manhã cai, despercebida de luz, vem fome do  
    meio dia,  
bafo de forno das tardes  
(enquanto estrelas repensam suas pontas),  
pomar de pombos.

Vejo um amontoado de asfaltos, muros murchos,  
jardins desnutrados de cor de perfume de som.

Espetei uma flor amarela  
na fenda da rocha.  
O sol evitou, por dias,  
reconhecer-se no plástico.

Em um banco amarelo,  
um arranjo de flores cuspe  
poeira na manhã de  
vinte e três de setembro.

As flores, as folhas  
também desejam ser marrom.

Palavras se revelam para mim:  
pulam nos bueiros,  
escorrem janelas semiabertas,  
combinam-se em árvores encharcadas  
de memórias de pássaros e de poeiras.

As sombras de lua tamboreiam, secretam  
quatro sons ácidos e holográficos,  
semelhantes à sonata interpretada pelo  
vento às pedras derredor do rio Colorado.

A lua engravida o rio.

Sobras de poeira em nuvem,  
ferrugens de poeira encurralam  
luminária (formato: ferragens  
estelares) do pátio barato.

Noite larga alaga o lago.  
Lago alagado em camaleão.  
Alargado no cálculo da noite.

A gula de mão de menino da noite.  
No lago-noite, noite-lago,  
alargo-me, alago-me.

No sonho de sol  
fuça fundo das matas.

bagaços de balanços,  
varal de versos,  
linha no vaso fingindo rachadura.

Clone do sol no lago, coisa-focante,  
vaporiza nas panças das aves-holofotes:  
sombreviãõ a correria dos meninos.

Luar virgulou o longo dia,  
sobre a casa de caça.  
Lua-bumba retumba  
clamor das vias da rodovia.

Sumo de palavras.

Morcela de palavras.

Meus pés de molho no aquário.

O dizer das estrelas alongou o lago.

Chuva aflita põe semi-rios na rua nua de piche.

passo aço  
osso  
poço asso

cacos do caos  
espaço pegajoso do pátio  
suicídio no vídeo

des  
embocar na via  
vicia canto dos canteiros cobertos de cacos

Pedra roliça, ruína da raça.  
Estimulo a fome de formar do barro.  
A janela ri dos dedos engolidos pela porta.

Semeio nas valas dos vales,  
valo-me do vago:  
homem é rio que caminha.

No palhaço  
traço-penhasco  
laço de riso  
destroços de cor.

No oco da face cérebro chacoalha.  
Maquio-me com a poeira sob a pedra.  
Contra turno da luz, estranhosférico, pendular.

Reconsidero a evolução da minha espécie,  
consolo a pedra desprezada na prisão.  
Melancolia é a grande vocação do homem.

O homem é o lar da morte.  
Sono: ensaio da morte.  
Desalinho fio da pá na pedra.

A pedra é leve por dentro?  
Tudo que excede ao que sou é sol.  
Pudesse comer ossos do meu cadáver!

Lua-cheia de quê?

Do dizer do homem: “que vá ao espaço!”

Escarniar humanidade.

Ribeira, menina, na figueira de casa.

Portão, porteira de lata.

Horizonte acontece em qualquer linha.  
Por que poeira dos cavalos não sujama as nuvens?

Quebro o osso da palavra.

Ovário de luz.  
Sopro os grilos.  
Cordas bambas de varal tocam melodias dos  
deuses.

O nublado é rastro da madrugada,  
vingança aos raios de sol.  
A noite vem do vidro encapado.  
O nublado é extensão da madrugada.

Prédios ajoelhados aprendem simetria da mata.  
Antes de chegar ao céu, alastrar-se pela terra.

Naquela manhã buraco de asfalto anoiteciam.  
Plantei flores mortas na horta de cercadura torta.

Humanidade acuou entre as costelas do selvagem.  
Escorrego nas possibilidades da lua.  
Espalho enlatados no espaço.

Na mão do verso armei arapuca às palavras.  
A palavra minguada babou no meu verso livre.

De madrugada as cadeiras negam a mesa.  
Figuras de faces formam fugas pela cidade fingida.

*Para R.*

Da volta do e de Eli escorre um mundo.  
O o mal fechado empapa cidade.  
Volta do e de Eli costura fendas do mundo.  
O o partido canoa, d de Eli descola  
Roda desce prédios, arredonda ruas.  
Volta do e de Eli remove braçadeira no mundo.

**Ministério da Língua Desassossegada**  
**Discípulos de Passos**

Vilhena, 23 de setembro de 1998

**Ritualística**

- Imprimir a licença abaixo:

<b>Ministério da Língua Desassossegada</b> <b>Discípulos de Passos</b> <i>Licença Poética</i>	
	
Nome:	
Filiação:	
Palavra-prima:	
Data de iniciação:	

- Acender uma vela amarela com fósforo nove minutos antes das 23 horas.
- Emitir nove palmas com intervalo de nove segundos entre cada emissão.
- Queimar um livro de prosa para simbolizar a morte da palavra líquida.

- Reproduzir os nove primeiros minutos de *A cantata de pascoa*, de Bach.
- Nomear-se filho de um poeta. Ex.: filho (a) de Hilst.
- Escolher uma palavra para ser primo (a). Ex.: pátio, lama, lago, trigo, poeira.
- Preencher a licença com caneta amarela.
- Dizer “adeus” para anunciar o fim de mundo, dito por Drummond.

## O poeta-menino

Rosana Nunes Alencar

Por isso fazia  
Seu grão de poesia  
E achava bonita  
A palavra escrita.  
Por isso sofria.  
Da melancolia  
De sonhar o poeta  
Que quem sabe um dia  
Poderia ser.  
(Vinicius de Moraes)

Os versos acima fazem parte do poema “O poeta aprendiz”, de Vinicius de Moraes, mas bem poderiam ser de autoria de Paulo Sergio dos Passos Silva, ou Paulo Passos, como gostava de ser chamado. A declaração de amor pela poesia e o sonho em se tornar um poeta, presentes no poema de Vinicius, fizeram parte dos sonhos de Paulo Passos a partir do momento que descobriu a força da palavra poética. No livro *Amarelos*, que ora é apresentado ao público, – como bem queria o seu autor –, não é muito difícil encontrar marcas do sentimento de entrega à poesia. Dizeres como “Nada sou além de um poeta brasileiro contemporâneo”, “O que sou, soube do verso” e “Meu verso é um atributo de

mim”, registrados na parte “Confissões ao leitor”, revelam que a poesia, para esse poeta-menino, era pulsão de vida.

É a própria literatura que me dá o mote para pensar no Paulo como um menino, pois são tantos os meninos do universo da ficção literária brasileira que pavimentam essa estrada. Vinicius citou um menino que tinha “asinhhas nos pés”; Manoel de Barros falou daquele “que carregava água na peneira”; Ziraldo falou de dois meninos, o Maluquinho, que “era um menino impossível”, e o Menino do Rio Doce, que “achava que prazer era conversar com o rio” e José Paulo Paes sabia de Genésio, o Menino de Olho-d’Água. Em cada um desses meninos há um lastro de poesia. Paulo Passos sabia deles e os admirava, porque em todos o imponderável se manifesta e se desdobra como possibilidades do devir.

Foi assim que eu conheci Paulo Passos como *poeta*, como *menino*. Poeta no sentido pleno da palavra, no sentido de quem tem consciência de cada escolha linguística, de cada gesto poético, de cada voz artística para nortear os seus caminhos. E, nesse último aspecto, o leque é plural e sofisticado, haja vista passar por nomes como Bach, Beethoven, Mercedes Sosa, Van Gogh, Caetano Veloso, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado e Hilda Hilst, só para ficar com alguns. Já o menino que se fez presente por dois anos em minha vida e em minhas aulas de literatura, como uma criança, sempre teve um olhar inaugural, um olhar de descoberta para a arte, de modo geral, e para a poesia, de modo *bem* particular. Esse menino leu tudo o que esteve ao seu

alcance. Leu os grandes poetas e se identificou com Drummond; leu a prosa e não sabia mais viver sem Hilda Hilst; leu a teoria literária e achava que Octavio Paz o salvou. Isso mesmo, tudo com a intensidade que é própria dos jovens, dos românticos e daqueles que são maiores do que a vida.

Contudo, esses arroubos fazem parte do modo de ser do menino. Já o modo de ser do poeta é, como dito acima, marcado pela consciência de cada gesto poético. Isso pode ser constatado desde a organização do livro *Amarelos*. Rigorosamente dividido em cinco partes nomeadas, *Amarelos*, do ponto de vista formal, compõe-se de poemas que acenam para as formas livres, valorizam a sonoridade oriunda da recorrência à aliteração e à assonância e exploram imagens poéticas, segundo Paulo Passos, “cavoucadas das trincheiras” do uso especial que faz da linguagem, sobretudo quando trabalha com a metáfora e a anáfora. Cito um poema que ilustra esses traços:

A sombra é a vingança da noite.

A sombra é metáfora da noite.

A sombra sonha em ser noite.

A sombra de um menino humilha a noite.

As sombras (poças de noite) rebocam a noite no primeiro  
vacilo do sol.

(PASSOS, 2020, p. 42)

Do ponto de vista do estilo, a escolha de Paulo Passos recai sobre a objetividade, ou economia no dizer. Os poemas são curtos. Os versos, mesmo quando longos, têm laivos de brevidade. Aliás, ressalto que a

objetividade no dizer faz parte de um projeto poético que está em constante processo de autorreflexividade. Desdobrando um pouco esses traços e, como em poesia as questões se imbricam, posso dizer com tranquilidade que a autorreflexividade poética justifica, por exemplo, o recorrente uso que o poeta faz de metapoemas. Alguns metapoemas, e esse é o caso de “Desabotoo verbo”, “Com alicate amasso palavra”, “Fico em pé diante do verso” – para citar alguns –, têm uma estreita relação com o *nonsense*. É como se o poeta precisasse recorrer ao absurdo, ao sem sentido, para dar forma àquilo que a racionalidade não sustenta.

E já que citei a metapoesia como um dos traços moduladores da voz poética de Paulo Passos, cabe esclarecer que, ao lado da metapoesia, outros temas ganham *status*. A infância, a família, a predileção pelo amarelo, a morte e o suicídio. É nas escolhas temáticas que o poeta faz com que vida e obra se toquem, ou melhor, faz com que a arte seja a portadora da vida, mesmo quando é marcada por ausências.

Agosto (quase setembro,  
o mês que Paulo amava) de 2019.

Como ler poesia? Deixar a poesia de lado e sair. Saímos às vezes. Mas *Amarelos* não nos permite. Ele é ópio. Porque contido nele, em cada fragrância de palavra, está a história do poeta Paulo. Mas não a história que sabemos; a outra, a história que espreita em cada desvão de palavra. O livro *Amarelos* é Paulo em cada célula / verso, oração / sangue, imagem / pele, respiração / ritmo.

Paulo, o menino poeta; o menino fugidivo, que saiu de casa e deixou seu rastro. Pegadas em forma de predicativos em chuva de cacos explodindo cenários, projetando um menino, (ou meninos); ou um poeta velho ancião da poesia encarnado, tendo em seu Habitat, árvores, o Parque de Exposição, seu abrigo, (ou abrigos?).

Suspensão nas referências e estudos, refratando saberes e condensando linguagem ao máximo possível, até explodir em imagem. Nesta costura intersemitica, difícil prumo, difícil lume. Seremos leitores e analistas atentos ao que Paulo não quis dizer, como que vomitando aforismos com dor. Mas não existe dor maior que a do esquecimento da palavra, palavra sem memória.

E o livro *Amarelos* é jovem, tem 150 anos de poesia e 20 anos de Paulo; “Com alicate amasso palavra / Com serrote alargado poros / Com pá desato ossaturas”. Com o respeito à palavra e homenagem ao constructo, esse livro é tecido lexema a lexema, trombando-se, friccionando-se, agitando-se, nesta fissão atômica, na busca de uma fagulha do original (este presente que surge quando quer) depois de muita energia poética gasta.

E o livro *Amarelos* consegue, em lampejos mágicos de linguagem, atuando no limite do possível, na retaguarda máxima da imagem, desconstruir o desconstruível para erigir um pequeno átimo poético. Porque a poesia é a luz de soslaio, feita de tentativa e erro.

Refrata o amarelo na borda da xícara.  
Extraio enxurrada da gota trêmula.  
Noite dobrada de manhã se revelou nas gretas da mata.  
Deus arrastou cadeiras, amarrotou folhas celestes.  
Abraço o parafuso negado pelo imã.  
Ventos passam entre letras e caem blocos.

Quero ler mais Paulo. Triste saber que não. Que *Amarelos* significante explode em sentido, e crie mais Paulos significados.

